

Introdução

A motivação do presente estudo surgiu no trabalho com grupos populares de mulheres, quando percebi o quanto elas apresentavam, repetidamente, um aspecto na sua vida cotidiana: a culpa. De uma ou de outra forma, esta culpa aparecia especialmente em seminários em fins de semana, longe de suas casas e famílias. Culpa em relação aos filhos/as que ficavam sem os cuidados delas, à casa que ficava "largada" e ao marido que ficava abandonado. Qualquer atividade a que se propunha fazer, que saía fora das atividades domésticas obrigatórias e costumeiras, traz no seu bojo este sentimento construído junto com a própria identidade da mulher.

O espaço doméstico é, por excelência, o lugar da culpabilização da mulher. Conflito e desequilíbrios no âmbito familiar são atribuídos à mulher. As acusações vão desde o mau desempenho da criança na escola, à gravidez da filha adolescente. A frase - "a culpa é da mãe" - ressoa diariamente em muitos lugares como som da mentalidade interiorizada nesta sociedade em relação ao papel da mãe.

Este sentimento pesado também aparece relacionado à *sexualidade*. Sofrimento e repressão, caracterizados por uma situação de pecado, são experimentados por muitas mulheres ao nível da sexualidade. É nesta área que, de maneira especial e massiva, as mulheres experimentam nos seus corpos o efeito de uma ideologia patriarcal. Em tantas oficinas sobre sexualidade e saúde que realizei com as mulheres, a culpa marcava sua presença também. Desejo gera culpa! Fantasia sexual gera culpa! Transar, em muitos casos, causa prazer e culpa juntos. Esta culpa se relaciona a pecado. Pecado está ligado a Deus, a Jesus e à Igreja. Síntese: transar é "coisa feia" e até pecado quando é por prazer. Em cada oficina destas se fazia necessário falar de sexualidade e de Deus junto! Quanto mal entendido... quanta mistura de Eros e Tânatos!

Corpo de mulher, corpo culpabilizado

Haidi Jarschel

*"Mal magnífico, prazer funesto,
venenosa e enganadora,
a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter
introduzido na terra o pecado,
a desgraça e a morte.*

*Pandora grega ou Eva judaica, ela cometeu
a falta original ao abrir a urna que continha todos os
males ou ao comer o fruto proibido.
O homem procurou uma responsável
para o sofrimento, para o malogro,
para o desaparecimento do paraíso
terrestre, e encontrou a mulher.*

*Como não temer um ser que
nunca é tão perigoso como quando sorri?
A caverna sexual tornou-se
a fossa viscosa do inferno."¹*

¹ DELUMEAU, Jean. *A História do Medo no Ocidente*. Companhia Brasileira de Letras, 1989, p.314. Nesta obra o autor faz um completo estudo da misoginia ao longo da história.

I O olho de Deus

Além das oficinas sobre sexualidade com as mulheres, também trabalhei, em algumas ocasiões, com grupos populares (mistos) sobre os Dez Mandamentos (Êxodo 20), onde também detectei este sentimen-

to. Na metodologia de trabalho, antes de propor-lhes o "entendimento" bíblico dos mandamentos, perguntei-lhes sobre o "sentimento" em relação ao decálogo. A maioria das pessoas dos grupos expressou TEMOR (medo) deste Deus Todo Poderoso que tudo vê e sabe. Perguntei-lhes, também, sobre o mandamento mais marcante para cada uma/um. E, como terceira questão, indaguei sobre como e onde souberam do Decálogo pela primeira vez. Por ordem de escolha, a maioria apontou para três mandamentos que mais marcaram suas vidas:

- a) Amar a Deus sobre todas as coisas (1º mandamento);
- b) Não pecar contra a castidade (6º mandamento, na versão católica do catecismo);
- c) Honrar pai e mãe (4º mandamento).

Os sentimentos relatados pelos/as participantes em relação ao 1º mandamento se resume em alguns pontos:

- apesar de bom, Deus castiga;
- medo de não conseguir amar como Ele quer;
- Deus que vigia e exige fidelidade: vê tudo, sabe tudo, exige, castiga;
- não poder gostar de outra coisa (brincar, p. ex.) mais do que de Deus, gerando culpa por sentir prazer de brincar;
- a presença do "grande olho" de Deus que vigia.

Quanto ao 6º mandamento, mencionado pelos/as participantes, temos:

- medo de ser castigado;
- medo do olhar de Deus quando se faz alguma coisa com o corpo;
- medo da confissão com o padre antes da primeira comunhão;
- culpa quando beijava o/a namorado/a;
- culpa quando acontecia "alguma coisa" antes de casar-se;
- "coisa feia" e pecado;
- sentimento de indignidade diante de Deus.

E referente ao 4º mandamento, o terceiro escolhido, apareceram algumas questões comuns aos dois primeiros:

- medo do castigo de Deus diante da desobediência aos pais;
- submissão à vontade dos pais, principalmente do pai;
- raiva de ter que obedecer, contradizendo a própria vontade;
- culpa pela raiva aos pais - o "olho de Deus" reprovando;
- respeito aos pais por medo e não por amor.

Ao perguntar-lhes sobre como tinham tomado conhecimento dos mandamentos, a resposta foi unânime. A maioria ficou sabendo pela mãe e depois pela catequese. A mãe é uma espécie de correia de transmissão dos ensinamentos da igreja para a família.

Transmite eficazmente a partir de sua interiorização, as interpretações da igreja sobre a conduta moral na família. Essas interpretações se cristalizam no meio familiar e social. Isto ficou visível no relato das pessoas sobre como cada um destes mandamentos ficou gravado nas suas vidas. Não só gravado, mas, acima de tudo, como serviu de orientação na construção de valores de vida. Há elementos positivos, sem dúvida. Mas muitos deles não contribuíram para uma vida sem repressões. A imagem deste deus verdugo, que se transforma num grande olho que tudo controla rigidamente no nível moral, prevaleceu como representação divina. Ao contrário, o Deus da vida, que liberta, pouco apareceu. Citou-se um quadro que está na parede de muitas casas, com um triângulo e um olho. Algo assustador. Às vezes parecido com nossos pais na infância: eixo de segurança, amor e equilíbrio, mas, ao mesmo tempo, alguém que controla nossos passos e gestos. Alguém que amamos e odiamos ao mesmo tempo, em muitas situações.

J. A. Gaiarsa escreve algo a respeito deste "olho", sintetizando muito bem o sentimento expressado sobre esta questão: *"Téstuso, símbolo do cristianismo e talvez anterior a ele, é a representação da divindade como um triângulo com um olho no centro. Na certa a qualidade divina da Onipresença era a que maior perplexidade e receio infundida em todos nós, no estudo do catecismo. Se ninguém pode ver, se temos de renunciar à nossa visão, então está, que apesar de tudo está presente, passa a existir fora de nós. Os olhos de todos os cegos do mundo se reúnem no grande olho de Deus. O grande olho de Deus, que tudo vê e que está sempre presente, a todos, a qualquer tempo, em qualquer lugar, é o olhar de cada um de nós quando olhamos uns para os outros como policiais, vigiando-nos reciprocamente a fim de que todos mantenham as atitudes convenientes e cumpram as obrigações estabelecidas. Demasiadamente preocupados em controlar o próximo, não temos tempo para olhar para nós mesmos. Pior que isso: demasiadamente acostumados a policial o próximo, quando olhamos para dentro nosso olhar continua a ser de policial e de juiz; ao invés de nos vermos, nós nos julgamos, nos criticamos, nós nos repreendemos."*²

O conceito de pecado é relacionado com a palavra de Deus como meio de criar medo diante de autoridades. O deus autoritário e carrasco presente no imaginário das pessoas completa-se com o exercício de poder de instituições sociais e religiosas. Este deus

² GAIARSA, José Ângelo. *A Engrenagem e a Flor*, p.95

que castiga só pode ser criação de alguém que está interessado em **punir e denominar os erros do pecado**. CULPABILIZAÇÃO É NA ESSÊNCIA UM ATO DE PODER! Um poder que não está apenas fora de nós, mas já o interiorizamos através dos valores culturais.

Na teologia protestante também encontramos esta teologia do pecado, do castigo e da redenção. Em muitos hinos (canções) compostos na idade moderna aparece esta construção teológica da redenção pelo sofrimento. Embora Lutero tenha abominado e superado todo tipo de auto-martírio, próprio da vida monástica, através do Evangelho (*sola gratia, sola fide*), permanece uma concepção de "homem pecador". Cito alguns exemplos:

*"Ó, meu Jesus, que mal tu cometeste
que tão cruel sentença recebeste?
Qual tua culpa? Quais os teus pecados
tão castigados?"*

*Por que motivo foste maltratado?
Foi minha culpa, foi o meu pecado!
Eu, meu Jesus, causei as tuas dores,
teus amargores.*

*Foi teu amor profundo e sem medida
que te lançou em ânsia dolorida.
Eu me entregava ao mundo, às alegrias;
tu padecias."*

(Johann Hermann, 1585-1647)

*"O que tens suportado foi minha própria dor;
eu mesmo sou culpado de tua cruz, Senhor.
Ó vê-me, aflito e pobre: castigo mereci;
com tua graça encobre o mal que cometi!"*

(Paul Gerhardt, 1607-1676, destacado compositor luterano)³

Por traz desta linguagem, está uma teologia na qual o ser humano é concebido como corrupto, que se perde nos prazeres do mundo, pecador por excelência. Compreende-se o indivíduo como pecador por natureza. Em qualquer ato de infelicidade, pergunta-se imediatamente "qual tua culpa?" Há uma certa compreensão de cristianismo que privilegia este conceito de culpa atrelado ao conceito de salvação. Quando retirada esta concepção, dificilmente sobrá algo. Se não há pecado, não haverá necessidade de salvação. O conceito de salvação vem ao encontro de uma elaboração de pecado no âmbito moralista. A teologia

cristã está baseada sobre pecado/salvação. Além desta estrutura teológica, temos a limitada definição do que é pecado. Prevalece um conceito genérico e abstrato, além de querer ser universal. Indigenistas brasileiros relatam que o conceito de pecado não se encontra na religiosidade e cultura indígenas⁴. O cristianismo, por sua vez, entende que todo ser humano é pecador e quer impor a todos os povos e culturas a mesma compreensão de pecado e salvação.

Numa compreensão moralista, castigo vem como resposta à "entrega às alegrias do mundo". Em outras palavras, as coisas prazerosas na vida são perniciosas para a vida cristã. Assim, a privação e a infelicidade transformam-se em expiação da culpa. Felicidade, alegria, prazer passam a não ser virtudes no cristianismo. Nietzsche escreve muito criticamente sobre esta construção da culpa no cristianismo:

"Infelicidade e culpa - essas duas coisas foram postas pelo cristianismo na mesma balança: de modo que, quando é grande a infelicidade que se segue a uma culpa, ainda agora, sem querer, a grandeza da própria culpa é medida por ela (...) na Antiguidade, havia ainda efetivamente infelicidade, pura, inocente infelicidade; somente no cristianismo tudo se torna castigo, bem merecido castigo: ele faz sofrer também a própria fantasia do sofredor, de tal modo que em tudo o que acontece de mau este se sente moralmente reprovável e reprovado."⁵

No berço do cristianismo, na sociedade greco-romana, o grau de eticidade se media pelo grau de renúncia a si em favor dos costumes⁶. O bem comum da sociedade exigia renúncia ao desejo de SER, impondo limites e privações. Quando estes são transgredidos, o castigo é merecido e a culpa é a coroa da infração. Ao contrário desta orientação greco-romana, o movimento cristão dos primeiros tempos identificava a liberdade com o direito à individualidade. Foi a partir desta elaboração teológica que encontraram uma forma para não se submeterem ao Estado Romano. Defenderam a liberdade e o direito individual de cada pessoa acima da obediência ao Estado Romano. Romperam com uma ética que centrava o Estado acima da pessoa. Nesta renúncia estava incluída a negação dos costumes do judaísmo, dos gregos e romanos: "estes estrangeiros aparentemente rejeitavam a idéia de

³ IECLB. *Hinos do Povo de Deus*, Ed. Sinodal, São Leopoldo, 1980.

⁴ Conforme Lori Altmann, indigenista da IECLB.

⁵ NIETZSCHE, Friedrich. Coleção *Os Pensadores*, vol. I, 1991, p. 123.

⁶ Idem, p. 118.

que o valor humano depende da contribuição de cada um ao Estado e deram origem, em vez disto, ao que mais tarde se desenvolveu no ocidente como "o valor absoluto do indivíduo".⁷

Esta foi a possibilidade e adesão de muitas pessoas ao movimento cristão. Seguir o Cristo, negar o Estado!

Ao mesmo tempo, havia divergências internas neste movimento sobre como viver esta liberdade individual. "Para muitos cristãos dos primeiros quatro séculos, e até agora, a máxima liberdade exigia a máxima renúncia - o celibato acima de tudo".⁸

Chegavam inclusive a defender fanaticamente o ascetismo radical, projetando o paraíso na vida celibatária. A renúncia ao mundo tinha como prêmio o céu e a glória em Cristo. De uma ou de outra maneira, temos a negação de si - ou em favor do estado, ou em favor do reino dos céus.

Na tendência predominante do cristianismo, ocorre uma inversão na ética em relação à vida, reforçando ao mesmo tempo a primazia do indivíduo e a concepção de pecado individual. Enquanto, para o antigo povo de Israel, o mal causado por qualquer pessoa, recaía sobre toda a tribo, cidade ou povo, os cristãos elaboraram uma ética centrada no indivíduo. Cada um pagava pelo que fazia individualmente. Tiraram o conceito estrutural do mal. Elaboraram o conceito da felicidade individual, de mal individual, de culpa e castigo conforme o que cada um cometia. Junto a isto, entra em vigor a virtude da privação e do sofrimento como preço da glória eterna. O sofrimento humano recebe uma explicação ao nível do juízo moral.

II

O corpo culpabilizado

Vários estudos têm sido realizados nesta perspectiva: de compreender o processo histórico da culpabilização em relação às mulheres. Durante vários séculos afirmava-se convictamente que o corpo da mulher é o santuário do demônio. Mulher, corpo, sexualidade e demônio estão entrelaçados numa mesma rede. Uma das facções do cristianismo tem sua responsabilidade neste processo. Nietzsche reflete nesta

direção, afirmando que "o cristianismo conseguiu fazer de Eros e Afrodite - grandes potências capazes de se tornarem ideais - duendes infernais e espíritos enganadores, pelos martírios que fez surgir na consciência dos crentes por ocasião de todas as emoções sexuais. Não é pavoroso fazer de sentimentos necessários e regulares uma fonte de miséria interior, em todo homem, algo necessário e regular? (...) Então algo, contra o qual se tem de combater, que se tem de manter dentro de limites ou, em certas circunstâncias, afastar inteiramente dos sentidos, deve ser sempre chamado de mau?"⁹

Escolhi focar três momentos neste processo da culpabilização do corpo da mulher. Num primeiro, como esta questão é tratada na Bíblia, especialmente em Gênesis. Como segunda abordagem, trago aspectos do cristianismo na sua origem e a sua vivência com a sexualidade. O terceiro momento é um recorte da agressividade contra a mulher entre os séculos XIII e XVII.

Gênesis: Eva como corporificação do pecado

"Multiplicarei sobremodo os sofrimentos de teu parto; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, ele te governará. E a Adão ele disse: visto que atendeste à voz de tua mulher, e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses: maldita é a terra por tua causa: em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida (...) No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado: porque tu és pó e ao pó tornarás." (Gênesis 3,16-19)

A versão mítica da mulher como origem do mal (sofrimento), do conhecimento e do pecado é o cume da tradição patriarcal. Se tiramos a serpente, a árvore e a mulher da cena, não teremos pecado, nem inferno, nem castigo eterno e nem necessidade de salvador¹⁰. Faz-se necessário perguntar em que período da história este conceito de pecado foi construído sobre a mulher e elaborado por quem? É um equívoco afirmar que o pecado relacionado com a mulher esteja desde os primórdios do povo de Israel. Esta construção se dá em determinado momento histórico deste povo. Erhard Gerstenberger sustenta a hipótese de que "na época pré-exílica, os papéis de homem e mulher ainda não tinham uma valorização teológica. A valorização teo-

⁷ PAGELS, Elaine. *Adão, Eva e a Serpente*. 1992, p.115.

⁸ *Ibid.*, p.118.

⁹ NIETZSCHE, *op.cit.*, p.122.

¹⁰ SCHAUMBERGER, Christine. *Schuld und Macht*. 1988, p.157.

lógica parece que está vinculada ao conceito de Deus único. E minha suspeita é que o conceito de um Deus único e masculino ainda não se havia imposto totalmente na reflexão israelita antes do Exílio."¹¹

No antigo Israel (período clássico da história de Israel, até 587), o conceito de pecado era outro. Não estava relacionado à mulher. O pecado e o castigo tinham como base a perda da dimensão da JUSTIÇA, do DIREITO e da PARTILHA DA TERRA E DOS SEUS FRUTOS (Isaías 1).

Em primeiro lugar, é importante frisar que o texto de **Gênesis 3** é um complexo literário de várias camadas, sendo portanto, uma sobreposição de significados de um mito original. A versão final do mito é tardia, mas o texto contém fragmentos diversificados de épocas diferentes. Isto se pode constatar pela análise das formas e pela análise literária, que não detalharei aqui. Há mistura de estilos, com quebras literárias visíveis. E, se lermos atentamente, não encontraremos nenhum versículo mencionando a sexualidade como causa do mal. Não há referência de uma possível relação sexual. Ocorre sim, a abertura dos olhos (v. 7) e a percepção da nudez. Nada além disso.

Os v.16-19, acima citados, são uma produção literária de CONSTATAÇÃO da realidade de vida das mulheres e dos homens em determinado tempo da história israelita. Foi inserido no relato do mito e é compreendido como "juízo". Phyllis Tribble entende esta estória de Gn 3 não como "queda", mas como protesto e constatação de um sistema patriarcal¹². Assim, nos v.16-19, aparece a dominação e opressão como **contradição à criação** e não como desejo de Deus. A subordinação da mulher é uma expressão do pecado coletivo. O suor do rosto do homem por causa do trabalho pesado é também uma descrição da realidade camponesa numa sociedade que exigia muita produção para o tributo.

Faz-se necessária esta clareza e distinção entre este relato e as interpretações posteriores da assim chamada "queda". No inconsciente coletivo está a sexualidade como causa primária do pecado e da morte, sustentadas sobre este relato. Se o analisamos bem, temos inclusive elementos de um mito matriarcal: Eva é aquela que toma a iniciativa da ação e que tem um

diálogo com a serpente - símbolo de sabedoria na mitologia antiga. A árvore do conhecimento (do bem e do mal) é um destaque neste relato. Trata-se de uma discussão sobre o conhecimento, ou melhor, do discernimento entre o bem e o mal, tal como é tratada também em Deuteronômio 30,15. Este esclarecimento sobre o relato em si é de suma importância para desconstruir as interpretações futuras sobre a causa do sofrimento e da morte entre a humanidade.

A partir do VI século a.C., e especialmente no IV século a.C., se alimenta um desprezo acentuado em relação à mulher. No livro do Eclesiástico (deste período), está colocada a visão da sociedade sobre as mulheres. Neste mesmo período, gesta-se o dualismo que qualifica o:

bem	- mal
superior	- inferior
céu	- terra
alma	- corpo
razão	- emoção
homem	- mulher

É neste tempo, em que o judaísmo vai tomando corpo como religião e ética, que a mulher vai sendo excluída institucionalmente de direitos e de valor social. Pior ainda, a ela atribui-se a origem do mal "*desde 200 a.C. aproximadamente, a história da criação tornou-se para certos grupos de judeus e mais tarde para os cristãos, o principal recurso para revelar e defender atitudes e valores básicos.*"¹³

Os cristãos dos primeiros séculos e a sexualidade

*"Tu deverias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano. Mulher, tu és a porta do diabo. Poste tu que tocaste a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violentaste a lei divina"*¹⁴

Esta é uma amostra de um pensador respeitado e representativo do pensamento do século I. Trata-se de Tertuliano, que escreve muito e de maneira muito agressiva contra as mulheres. A rejeição às mulheres traz consigo a suspeita da ambiguidade destas afirmações: o medo dos homens em relação às mulheres aponta para o reverso da realidade. De tão desejadas, tentam torná-las motivo de ódio e repulsa para, tal-

¹¹ GERSTENBERGER, Erhard. "Javé, o Senhor: um Deus Patriarcal e Libertador?". In: *Estudos Teológicos*, n.º3, São Leopoldo, EST, 1989, p.313-319.

¹² TRIBBLE, Phyllis. Apud Schaumberger, op.cit. p.167.

¹³ SCHAUMBERGER, Christine. op.cit., p.17

¹⁴ apud DELUMEAU, Jean. op. cit., p. 314.

vez, reprimirem a si próprios do grande desejo por elas. Toda sorte de impurezas era imputada à mulher. O mistério que envolve o sexo feminino amedronta o outro sexo. Mesmo antes de Freud, que dá uma versão a este medo, os mitos e a literatura que definem a mulher expressam a sua periculosidade.

Ai está o mito de Lilith associada à lua (lua negra) que "é o céu vazio e tenebroso no qual se projetam indagações e possíveis respostas de um diálogo que não tem nada a ver com o racional".¹⁵

Sucumbir ao desejo despertado pela mulher é perder-se de si próprio - perda de identidade. Os poemas de Homero levantam também esta temática. "No inconsciente do homem, a mulher desperta a inquietude, não só porque ela é o juiz de sua sexualidade, mas também porque ele a imagina de bom grado insaciável, comparável a um fogo que é preciso alimentar incessantemente, devoradora como o louva-a-deus".¹⁶

Entre os primeiros cristãos, esta temática era um ponto importante de pauta. A visão dos cristãos do primeiro século sobre a mulher e a sexualidade tem divergências que não são baseadas em conceitos homogêneos. Havia grupos de tendência ascética que mais ferrenhamente defendiam o celibato e a virgindade. Jerônimo (Carta 22, 18) defende a relação entre paraíso e celibato. Ele fala do "paraíso da virgindade" em contraposição ao casamento e os seus sofrimentos, as dores do parto e a dominação social. Com razão, ele coloca esta realidade, especialmente no caso das mulheres em que o casamento significava confinamento e obediência ao marido.

Temos o exemplo de Tecla e Paulo como defensores do celibato com o argumento da missão. Paulo não repudiava radicalmente o casamento, mas apontava para suas dificuldades cotidianas em vista da missão do reino. No simpósio das dez virgens de Metódio¹⁷, Tecla aparece como a grande defensora da virgindade, num aspecto muito místico, declarando a liberdade como consequência do ascetismo sexual. "Ao louvar a liberdade humana, Tecla declara que só os que vivem em castidade realmente atingem o controle de si mesmos e de seus destinos".¹⁸

Na literatura paulina e deuteropaulina, este assunto da sexualidade e do pecado é uma controvérsia sem fim, especialmente abordada em ferrenhas dis-

cussões feitas por Jerônimo, Joviniano, Ambrósio e Agostinho. A questão do celibato (abstenção sexual) polariza em torno de duas linhas de argumentação: uma, era colocada como princípio, ou seja, o celibato como princípio para o reino de Deus; outro polo de argumentos girava em torno do celibato como estratégia para a construção do reino de Deus. Enquanto alguns interpretavam Paulo a partir de sua tendência ascética, outros não aceitavam o ataque contra o casamento e a supremacia do celibato como condição indispensável para a confissão do evangelho. O que Paulo alegava era a dificuldade que o casamento trazia, especialmente para as mulheres, para a tarefa missionária. A missão do evangelho necessitava de despojamento total das "coisas do mundo", entre estas o exercício da sexualidade e o casamento.

Muitas mulheres optaram por esta vida celibatária, visto que isso lhes trazia algumas vantagens sociais, especialmente a liberdade de não serem submetidas ao marido. Também conseguiam com esta opção, liberdade para viajarem e se instruírem. O preço era a abstinência de bens e da sua sexualidade. O domínio sobre esta, era compreendida como virtude e superioridade. A historiadora Elisabeth Clark mostra que a "renúncia ao mundo trazia para estas mulheres ricas e aristocráticas, às vezes, benefícios que a sociedade secular lhes negava. Elas podiam controlar a própria riqueza, viajar livremente pelo mundo inteiro como 'santas peregrinas', dedicar-se a buscas intelectuais espirituais, e fundar instituições que elas mesmas dirigiam".¹⁹

O culto à virgindade e abstinência, junto com a negação dos prazeres e dos desejos humanos vividos NO e COM o corpo, é, sem dúvida, a base sobre a qual se sedimenta a concepção de sexualidade como pecado, visto que isto "são coisas do mundo". Mais trágico ainda: entrelaça a sexualidade, a mulher e o pecado. Neste contexto, não podemos deixar de mencionar Agostinho (teólogo do século IV), que argumenta a origem da servidão humana a partir de Gênesis 1-3. É de Agostinho que se parte, desde então, para defender as bases éticas para as futuras gerações de cristãos. Uta Ranke Heinemann diz que "falar da aversão à sexualidade é falar de Agostinho".²⁰

A história da ética sexual cristã está bastante

¹⁵ SICUTERI, Roberto. *Lilith, a Lua Negra*.

¹⁶ DELUMEAU, Jean. op.cit. p.312.

¹⁷ PAGELS, Elaine. op.cit. p.123.

¹⁸ Idem. p.124.

¹⁹ Idem, p.126.

²⁰ HEINEMANN, Uta Ranke. *Eunuchen für das Himmelreich*. 1989, p.81.

fundamentada nas suas teses. É a partir da sua teologia e moral que surge a premissa da sexualidade como "pecado original". Para Agostinho, "todo ser humano possui uma alma espiritual assexuada e um corpo sexuado. No indivíduo masculino, o corpo reflete a alma, o que não é o caso da mulher: O homem é portanto plenamente imagem de Deus, mas não a mulher, que só o é por sua alma cujo corpo constitui um obstáculo permanente ao exercício de sua razão. Inferior ao homem, a mulher deve então ser-lhe submissa."²¹

Corpo de mulher: santuário do demônio

Grandes pensadores, filósofos e teólogos, como Aristóteles, Jerônimo, Agostinho, demonstraram um elevado grau de misoginia na sua teorização. Marcaram o pensamento da humanidade no ocidente. O período, porém, no qual mais atrocidades se escreveu contra a mulher, contra o corpo, contra a sexualidade, foi, sem dúvida na Idade Média. Segundo os pensadores desta época, o sangue menstrual por exemplo, tinha uma elevada carga pejorativa e com poderes de causar desgraças. Vários fenômenos maléficis atribuiu-se a este sangue, como por exemplo, a morte de vegetação e a germinação, corrosão de ferro, doenças, raiva em cães, etc.

O escrito mais elaborado neste período foi o *Malleus Malleficarum*, o manual do julgamento das bruxas. Satã aparece como a grande divindade - todas as explicações dadas ao mal no mundo envolvem esta presença onipotente e onipresente. Começa a era da demonologia e da caça às bruxas. Afirmava-se a fragilidade da mulher e a atuação do demônio sobre elas, transformando-as em bruxas. No *Malleus*, parte I, questão 6, afirma-se: "a razão natural para isto é que ela é mais carnal que o homem, como fica claro pelas inúmeras abominações carnis que pratica. Deve-se notar que houve um defeito na fabricação da primeira mulher, pois ela foi formada por uma costela de peito de homem, que é torta. Devido a este defeito, ela é um animal imperfeito que engana sempre."²²

Tanto para Carlos Amadeu Byington como para

Jean Delumeau, esta misoginia está intimamente relacionada à "sexualidade culturalmente reprimida e à sua desvalorização na Igreja".²³

No estudo mais psicossocial deste período obscuro e trágico da história, "à luz da psicologia das profundezas, que uma libido mais do que nunca reprimida transformou-se neles em agressividade. Seres sexualmente frustrados que não podiam deixar de conhecer tentações projetaram em outrem o que não queriam identificar em si mesmos."²⁴

Consultei várias obras de História da Igreja e achei muito curioso, embora não tenha me surpreendido, que nenhuma linha menciona a misoginia eclesial deste período histórico. A quantidade de escritos anti-feministas e hostis à mulher é muito grande e escandalosa. Há uma guerra declarada contra o demônio e a mulher durante séculos que a maioria dos historiadores eclesiais não viu. Fala-se da inquisição contra os judeus e muçulmanos - escreve-se muito sobre isto. Eis aqui o silêncio histórico a ser recuperado. Na verdade, na Idade Média não há silêncio nenhum sobre o que se pensava sobre a mulher. Há pouco ou quase nada escrito a partir das próprias mulheres. Não se sabe o que elas diziam ou sentiam no meio de tanta misoginia. Delumeau traz uma quantidade e diversidade enormes desta literatura. Escolhi um poema para aqui mostrar a síntese do que era este fenômeno. Trata-se de um trecho de um "Contemplu feminae" redigido no século XII por um monge de Cluny, Bernard de Morlas.

"A mulher ignóbil, a mulher pérfida, a mulher vil
Macula o que é puro, ruma coisas ímpias, estraga as ações.

A mulher é fera, seus pecados são como a areia.
Não vou entretanto caluniar as boas a quem devo abençoar:

Toda mulher se regozija de pensar no pecado e de vivê-lo.

Nenhuma, por certo, é boa, se acontece no entanto que alguma seja boa.

A mulher boa é coisa má, e quase não há nenhuma boa.

A mulher é coisa má, coisa malmente carnal, carne toda inteira.

Dedicada a perder, e nascida para enganar, perita em enganar.

Abismo inaudito, a pior das víboras, bela podridão,
Atalho escorregadio, coruja horrível, porta pública, doce veneno.

²¹ apud DELUMEAU, Jean. op.cit. p.317.

²² *Malleus Malleficarum*. Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1991, p.116.

²³ Idem, p.34.

²⁴ DELUMEAU, Jean. p.320.

Ela se mostra inimiga daqueles que a amam, e se mostra amiga de seus inimigos.

Ela não exclui nada, concebe de seu pai e de seu neto. Turbilhão de sexualidade, instrumento do abismo, boca dos vícios.

Enquanto as colheitas forem dadas aos cultivadores e confinadas aos campos.

Essa leoa rugirá, essa fera maltratará, oposta à lei.

Ela é o delírio supremo, e o inimigo íntimo, o flagelo íntimo.

Por suas astúcias uma só é mais hábil que todos.

Uma loba não é mais má, pois sua violência é menor.

Nem uma serpente, nem um leão.

A mulher é uma feroz serpente por seu coração, por seu rosto ou por seus atos.

Uma chama muito poderosa rasteja em seu seio como um veneno.

A mulher má se pinta e se enfeita com seus pecados.

Ela se disfarça, ela se falsifica, ela se transforma, se modifica e se tinge.

Enganadora por seu brilho, ardente no crime, crime ela própria.

O quanto pode, ela se compraz em ser nociva.

Mulher fétida, ardente em enganar, flamejante de delírio.

Destruição primeira, pior das partes, ladra do pudor.

Ela arranca seus próprios rebentos do ventre.

Ela trucidou sua progentura, abandonando-a, mata-a, num encadeamento funesto.

Mulher víbora, não ser humano, mas fera selvagem, e infiel a si mesma.

Ela é assassina da criança e, bem mais, da sua em primeiro lugar.

Mais feroz que a áspide e mais furiosa que as furiosas.

Mulher pérfida, mulher fétida, mulher infecta.

Ela é o trono de Satã; o pudor está a seu cargo; foge dela, leitor."

Há uma violência silenciada na maior parte da produção historiográfica masculina. Este é um lado de nossa história coletiva, de séculos, que ainda hoje tem as suas marcas na vida de cada mulher ocidental. É um tratado do século XII que tem coisas em comum com práticas e pensamentos de nosso atual século. Para compreendermos nosso corpo precisamos recorrer aos silêncios da historiografia.

Sexualidade e maternidade controladas

O controle sobre os corpos, foi a forma mais efetiva encontrada para controlar os desejos. Pois, a paixão e o desejo se expressam pelo corpo. E são anárquicos!

A introdução do demônio na cultura popular tomou o espaço não compreendido pelas pessoas, o espaço obscuro do inconsciente, do medo e do terror. Muita literatura de cordel se produziu neste período baseado no dualismo:

DEUS	- DIABO
distanciamento	- proximidade
luz	- trevas
bondade	- maldade
claro	- escuro
branco	- preto
riqueza	- pobreza
coragem	- covardia
lealdade	- traição
amor	- ódio
proteção	- tentação
conversão	- sedução
altitude	- profundidade
superior	- inferior. ²⁵

Somos culpabilizadas principalmente através dos nossos corpos. Ele é considerado santuário do desejo e do pecado. Somos acusadas da origem do mal no mundo. Responsáveis pelo sofrimento humano e pelo juízo final, também! Como se não bastasse todas as atrocidades ditas e cometidas pela posição misógina, inventaram a Maria, mãe de Jesus, como modelo perfeito de mulher: calada, submissa, obediente, pura e virgem. Seu papel? Redimir a culpa de Eva! Esta mulher está no imaginário feminino católico até hoje. E também no imaginário dos homens, que a criaram. Mas, esta Maria "santa" criada para submeter as mulheres já não é o único modelo de fé que prevalece no meio popular. As mulheres e homens populares libertários/as compreenderam a vida de Maria de Nazaré através do Magnificat (Lc 1), resignificando sua fé numa mulher libertada, profética e corporalmente mulher como outra de sua época.

Assim, criou-se a dicotomia entre "santas" e "putas". Maria veio para redimir o pecado cometido por Eva. Outro dia, uma mulher da periferia da região do ABC, em São Paulo, relatou em grupo: "No dia que casei, senti muita angústia porque sentia que estava traindo Maria. Deixava de ser virgem. Mas, como ia ser mãe como ela? Toda vez que me deitava com meu marido, cobria a imagem de nossa Senhora sobre a cômoda do quarto e depois pedia perdão. Sentia muita culpa! Um dia não aguentei mais e tirei ela do quarto. É difícil essa

²⁵ MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. "A Quotidianidade do Demônio na Cultura Popular". In: *Religião e Sociedade*, 12/2, Rio de Janeiro, Ed.Campus, p.92-130.

coisa prá gente como mulher!" (D. A. da Silva, 48 anos)

Esta reserva simbólica do mal associado à mulher está muito presente na cultura da qual fazemos parte. Como analisa Carlos A. Byington, no período da Idade Média, houve uma "deformação psicótica do mito cristão. Durante sua institucionalização, o mito se subdividiu. Uma parte preservou a essência da mensagem cristã e transformou a relação Eu/Outro do padrão patriarcal para um padrão de igualdade e interação criativa. Outra, deformou o mito através da Inquisição e criou uma enorme dissociação cultural expressa nas polaridades Cristo/Demônio e Santa Madre Igreja/Bruxa. Uma história simbólica do Cristianismo nos mostra como a Demonologia e o ódio às mulheres cresceram às expensas da despoticização do papel cultural revolucionário dos símbolos de Cristo e da Igreja." ²⁶

O debate sobre o corpo é um debate teológico e político. É através dele que se manifesta e experimentamos a vida. Nossa vida se dá pelo nosso corpo: que tem fome, que troca afeto, que tem desejos, que é mãe... que deixa de reproduzir. Falar do corpo como algo genérico faz criar um determinado tipo de teologia. Agora, fazer uma abordagem do corpo sexuado, homem e mulher ou homossexual, é partir do cotidiano vivido dos seres humanos que têm experiências diferenciadas sexual, social e culturalmente. As mulheres vivenciam sua sexualidade e corporalidade de maneira diferente do homem pela construção social e cultural condicionando estes corpos a certos papéis que vão além da sua condição biológica.

As mulheres, no Brasil como em outros países, são condicionadas ao papel da maternidade. Ser mulher e ser mãe se confundem num só papel por vezes. A grande ênfase da teologia mariana clássica reforça ainda mais este papel de ser mãe. Há uma super-valorização desta condição por um lado, e, por outro, a sociedade mantém uma política "anti-mãe" pela forma como se organiza economicamente.

Observamos que há uma grande preocupação e "preservação" por aquele/a que está dentro da barriga dela. A partir do momento em que é parido, torna-se "filho da mãe" mesmo! O discurso sobre a sexualidade e maternidade da mulher está dentro de um involucre perverso chamado "defesa da vida". Argumenta-se teologicamente em favor da vida de uma forma abstrata e genérica. A mulher é "santa" quando vive sua

sexualidade e maternidade dentro dos parâmetros doutrinários eclesiais e, "puta" quando subverte e extrapola os limites em nome de sua liberdade individual (cidadania).

O ápice da culpabilização está, sem dúvida, na hora em que uma mulher decide interromper a sua gravidez. A realização de um aborto é considerado pecado pela igreja e crime pelo estado, no Brasil. Portanto, esta mulher, ao optar por um aborto está ao mesmo tempo, requerendo sua excomunhão da Santa Igreja e um processo judicial por cometer um crime. A arbitrariedade e legalismo de ambas as instituições pesam sobre esta mulher. O processo de culpabilização é tramado de forma unilateral, dirigindo-se somente às mulheres que abortaram, fazendo com que sintam-se as únicas culpadas por este ato em "situação limite". A perversidade encontra-se no fato destas instâncias não refletirem sobre o que está nos porões da sociedade junto a esta realidade do aborto.

Estamos diante de uma questão ética por excelência. O teólogo Paul Tillich nos ajuda nesta tarefa difícil. Para ele "ética social é determinada pela experiência do *kairos*. A ética procedente do *kairos* é a ética do amor, pois o amor reúne o critério absoluto e final à adaptação à situação concreta." ²⁷

Temos em relação ao aborto a ética do julgamento e da pena, como se os princípios éticos estivessem superiores à história. É o oposto da ética do amor que se concretiza na vida cotidiana de seres humanos com os quais estamos "face a face". A realidade do aborto é tão real quanto a maternidade. Um aborto pode ser tão digno quanto uma maternidade assumida. A interrupção de uma maternidade não desejada (por diversos motivos, desde econômicos até existenciais) pode ser também uma decisão e um ato de amor.

Esta prática traz consigo a ambiguidade humana e social. Para algumas mulheres, este ato é a maneira de preservar seu emprego - conforme testemunho de muitas operárias - no disputadíssimo mercado de trabalho; para muitas, é a falta de mínimas condições de sobrevivência; para outras, é uma opção consciente de não ser mãe, diante das condições dadas da sua vida naquele momento; para quase todas, é, ao mesmo tempo, um momento de profunda dor e de liberdade diante das situações limites em que se encontram. "Nosso amor e nosso *kairos* exigem soluções diferentes." ²⁸

²⁶ BYINGTON, Carlos A. *Prefácio a Malleus Maleficarum*, op. cit., p.21.

²⁷ TILLICH, Paul. *A era protestante*. 1992, p.26.

²⁸ *Ibid.*, p.179.

O kairos se define como “novo tempo dentro do kronos”. Não temos kairos sem processo, sem experiências humanas e sociais que impulsionem o novo na história. O aborto é, ao mesmo tempo, tanto uma denúncia de um “tempo velho” e de uma sociedade perversa que não se responsabiliza pela maternidade e pela reprodução que permite a sua continuidade, quanto uma iniciativa onde as mulheres exercem a autonomia e o poder de decidir sobre sua existência enquanto mulheres. A história nos mostra quão restritas foram e são as possibilidades das mulheres terem uma autodeterminação enquanto seres humanos dotados de plenas capacidades para autorealização. A decisão sobre sua própria existência plena é um ato ético indiscutível e dotado de amor por si enquanto criatura.

III Conclusão

Trabalhar nesta perspectiva simbólica com as mulheres sobre “sua” culpa é um dos caminhos para a desconstrução cultural desta repressão e expressão de infelicidade coletiva feminina e masculina. DESCONSTRUIR A CULPA, como um dos nódulos controlistas da psique feminina e da construção cultural do poder patriarcal, é uma tarefa histórica neste processo de reapropriação da própria identidade, do poder e da felicidade.

O relacional com o divino não pode mais ser via culpa/confissão - salvação/absolvição. Apropriar-se do próprio corpo como criação e semelhança divina faz parte deste processo. O corpo é imagem (espelho) de Deus. Desconstruir coletivamente esta distorção cultural que se fez sobre o corpo e a sexualidade é um grande avanço nas novas relações interclasses e entre gênero masculino e feminino. O corpo torna-se então um instrumento de poder para a felicidade. Não mais um instrumento controlado pelo poder de alguns, para a infelicidade de muitos/as.

Estamos, há tempos, nesta revolução cultural. Ela está ocorrendo seja pela ruptura clara com as instituições controlistas, seja pela subversão, no cotidiano, com uma prática concreta no dia-a-dia de mulheres e homens. Liberar-se da culpa e do controle institucional, apropriando-se do seu próprio corpo é um ato de dignidade e cidadania reservado a cada ser humano deste século.